

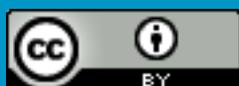
## Malu de Aguiar Gouvêa Aragão

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro do corpo editorial do Cosmopolítico.

# DEMOCRACIA EM VERTIGEM

Democracia em Vertigem é uma mistura de documentário com relato autobiográfico que correlaciona a queda do governo do PT e da sua figura central, Luís Inácio Lula da Silva, com o enfraquecimento da democracia brasileira. Apesar da resistência que muitos podem oferecer a essa percepção, uma das entrevistas feitas para o documentário resume a importância do processo de *impeachment* para o diagnóstico da democracia no Brasil: a entrevistada diz não ter certeza de ser o povo quem está capitaneando a situação, ou seja, de que ele possa exercer sua soberania sobre o assunto.

A roteirista, diretora e personagem Petra Costa deixa evidente, desde o início da obra, qual o seu lugar de fala: filha de militantes, ela foi nomeada em homenagem a um de seus mentores que foi assassinado durante a ditadura militar brasileira. Esse é um recorte importante, pois o documentário dá maior ênfase aos aspectos que são mais emocionais para ela, não obstante sem deixar de lado as peças-chave para o desenrolar da quebra democrática. Suas expectativas, percepções e ideias permeiam todo o roteiro, como sua esperança de que o processo não fosse adiante após o vazamento do áudio que deixou evidente a motivação política do pedido de *impeachment* de impedir a continuidade das investigações em esquemas de corrupção.



A figura de Dilma Rousseff é muito importante para demonstrar as forças externas que são denunciadas por Petra Costa como manipuladoras da realidade política e social do Brasil, desde os seus primórdios – ela usa uma visão historiográfica para mostrar a disparidade de poder e uma tendência forte de manutenção das oligarquias nacionais. Não obstante, é na persona de Lula que o enredo encontra o maior sustentáculo, chegando mesmo a evidenciar um diálogo do ex-presidente ao telefone no qual ele afirma ter sido o espetáculo do *impeachment* uma forma de chegar até ele.

Suas falas também reiteram a visão de Costa sobre as oligarquias, em especial ao afirmar que não interferir na manutenção de poucas famílias no poder da mídia de massa do país teria sido um dos arrependimentos do seu governo. Em nome dos seus interesses, elas se aproveitaram do forte sentimento anticorrupção no país para promover uma saída não democrática, naturalizando o caráter agressivo das manifestações contrárias a Rousseff. A diretora avança a análise para defender que outros setores se encontram igualmente dominados e que, na realidade, algumas famílias controlam o país – e, de forma mais grave, às vezes elas se cansam do estado democrático de direito.

De forma inevitável, ao falar sobre a quebra democrática, Costa expõe também a ascensão das novas direitas no Brasil. Apesar de não se referir diretamente ao assunto de forma elaborada, ela separou filmagens significativas dos dois lados desse fenômeno: da população que apoia e permite esse recrudescimento; e dos políticos que, em sua mania de grandeza pela pátria, buscam defender agendas muito específicas. O elo encontrado entre os dois grupos pela diretora foi o ódio, tanto pelo legado do PT quanto pelo próprio Lula, de forma mais pessoal. O início do documentário demonstra uma fala que afirma taxativamente: se solto, ele conduzirá o país a uma guerra civil.

Conforme aprendido pelos acontecimentos ao redor do mundo e defendido por Arjun Appadurai (2019) em seu artigo sobre a “fadiga” da democracia, o ódio é um elemento manipulado com maestria pelos novos líderes populistas de direita, muitas vezes buscando converter seu poder brando em poder coercitivo. Appadurai (2019) explora os exemplos da Rússia de Vladimir Putin, usando o exemplo do decreto de política cultural pública centrada na máxima “A Rússia não é a Europa”, o qual ilustra a hostilidade ao Ocidente cultural e ao multiculturalismo e ainda sustentou perseguições a grupos culturais no contexto de tensões na Ucrânia; e da Índia de Narendra Modi, o qual chegou a

ser pessoalmente implicado no genocídio de muçulmanos que aconteceu em Gujarat em 2002 e ainda assim continuou a ser primeiro-ministro dessa região até 2014, quando se tornou o primeiro-ministro do país.

Por parte do povo, Appadurai (2019) defende que, mesmo que não concorde inteiramente com a agenda dos novos populistas – como é o caso de Jair Bolsonaro no Brasil –, o que é comum, existe um cansaço quanto aos mecanismos democráticos e uma sensação de ineficiência que o torna permissivo a saídas autoritárias. Dessa forma, mesmo com uma justaposição parcial entre o universo de crenças dos seguidores e as promessas dos líderes, se possibilitou a ascensão dos projetos de Modi, Putin, Trump, Bolsonaro, May, Orbán e muitos outros (APPADURAI, 2019).

O fenômeno da fadiga da democracia em si não é novo, mas alguns fatores presentes no cenário internacional das últimas décadas fazem com que ele seja único: as redes sociais e a nova sensação de validação e identidade que as pessoas experimentam independentemente de suas opiniões; a propagação dos Direitos Humanos e as novas garantias aos povos estrangeiros; e a perda de soberania econômica que é consequência do avanço da globalização (APPADURAI, 2019, p. 28-29). O último fator faz com que os novos populistas precisem redirecionar o tema da soberania nacional, antes ligada à soberania econômica, para o lado cultural, como pode ser visto na declaração de Temer presente no documentário sobre retomar “valores fundamentais do nosso país” (DEMOCRACIA, 2019).

Mais do que apenas nessa fala, a questão das pedaladas fiscais e as acusações feitas à ex-presidenta de responsabilidade pela queda da economia demonstram no documentário a centralidade da soberania econômica que Appadurai (2019) identifica também na Europa, na Índia, nos Estados Unidos e demais países cujas direitas produziram líderes populistas nas últimas décadas. Segundo o autor, o pânico econômico compõe a atual impaciência dos povos com o andamento democrático, de forma que em diversos casos os líderes populistas prometem prosperidade ao mesmo tempo em que buscam causar esse mesmo pânico, garantindo a aceitação popular às suas medidas autoritárias. Na Índia, Narendra Modi decidiu retirar de circulação as cédulas de 500 e 1.000 rupias, sob o pretexto de combater o dinheiro do “mercado negro”, o que na realidade afeta diretamente comerciantes de pequeno porte, além de trabalhadores e consumidores pobres e de classe média, uma vez que elas corres-

pondem a algo próximo de 7 e 14 euros, respectivamente (APPADURAI, 2019).

Logo, é possível identificar que existe uma identificação direta entre a visão de Arjun Appadurai de que as populações estão usando o voto como uma “saída” para a democracia e a ideia de Petra Costa de que as democracias também podem acabar lentamente (APPADURAI, 2019; DEMOCRACIA 2019). Nos casos estudados, em pleno desenvolvimento no cenário internacional, a aparência de legitimidade dificulta a identificação do rompimento com a democracia. Surgem, conseqüentemente, modelos autoritários como a democracia iliberal, a qual é abertamente adotada pela Hungria de Viktor Orbán (TÓTH, 2014). Por fim, se mostra justificável a apreensão de Petra Costa (2019) quanto à possibilidade de que, se permanecer nos trilhos atuais, a democracia no Brasil tenha sido apenas um “sonho efêmero”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **Fadiga da democracia**. In: APPADURAI, Arjun et al. A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

DEMOCRACIA em Vertigem. Direção: Petra Costa. Brasil: **Busca Vida Filmes**, 2019.

TÓTH, Csaba. Full text of Viktor Orbán's speech at Băile Tuşnad (Tusnádfürdő) of 26 July 2014. **The Budapest Beacon**, 29 jul. 2014. Disponível em: <https://budapestbeacon.com/full-text-of-viktor-orbans-speech-at-baile-tusnad-tusnadfurdo-of-26-july-2014/>. Acesso em: 8 jan. 2021.